

bell hooks e a terra como princípio: por uma ética do pertencimento e do cuidado

bell hooks and the land as a principle: towards an ethics of belonging and care

Luciana Maria Azevedo de Almeida

Pesquisadora independente e Doutora em Filosofia

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, MG

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6871-717X>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15476392>

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre a necessidade de uma ética alicerçada na terra, que se oriente a partir dos conceitos de pertencimento e cuidado. Tais conceitos delimitam eixos que respondem ao desafio de integrar as questões ecológicas às dimensões antropológicas, sociais e políticas da existência humana. Recorreremos à perspectiva apresentada na obra *Pertencimento: uma cultura do lugar*, de bell hooks, cuja análise deste par de conceitos nos convida a reconhecer que nossa identidade, subsistência e sobrevivência estão profundamente ligadas à terra e que cuidar dela é, ao mesmo tempo, preservar a memória dos antepassados, fortalecer a comunidade presente e garantir um futuro sustentável para as próximas gerações, futuro hoje ameaçado pelo extrativismo e pela apropriação utilitarista da natureza. Base material e simbólica da existência humana, a terra é um sistema integrado e interdependente, com o qual devemos estabelecer uma conexão profunda, criando uma relação de reciprocidade e respeito, entendimento que, por sua vez, nos mostra a importância de uma reconexão com os saberes marginalizados e tradicionais, repertório de práticas insurgentes, capazes de se contrapor aos conflitos sociais, as desigualdades de classe, raça e gênero produzidas pelo racismo, colonialismo e capitalismo. A terra cura, emancipa e, assim, possibilita superação dos valores opressivos, internalizados.

Palavras-chave: (1) Terra; (2) Pertencimento; (3) Cuidado; (4) Ética ambiental; (5) Saberes tradicionais.

Abstract: This article proposes a reflection on the need for an ethics rooted in the land, guided by the concepts of belonging and care. These concepts establish key axes that address the challenge of integrating ecological concerns with the anthropological, social, and political dimensions of human existence. We draw on the perspective presented in bell hooks' work *Belonging: A Culture of Place*, in which her analysis of

this conceptual pair invites us to recognize that our identity, subsistence, and survival are deeply connected to the land, and that caring for it is, at the same time, a way of preserving the memory of our ancestors, strengthening present-day communities, and ensuring a sustainable future for the next generations, now threatened by extractivism and the utilitarian appropriation of nature. As both, the material and symbolic foundation of human existence, the land is an integrated and interdependent system with which we must establish a deep connection, building a relationship of reciprocity and respect. This understanding, in turn, reveals the importance of reconnecting with marginalized and traditional knowledge —repositories of insurgent practices capable of countering social conflicts and the inequalities of class, race, and gender produced by racism, colonialism, and capitalism. The land heals, emancipates, and enables the overcoming of internalized oppressive values.

Keywords: (1) Earth; (2) Belonging; (3) Care; (4) Environmental ethics; (5) Traditional knowledge.

Introdução:

O “ativismo” de bell hooks¹

A devastação da terra², que testemunhamos nas últimas décadas, nos confrontou com a urgência em repensar as formas com as quais nos relacionamos com ela. Chegamos a um ponto crítico em que as consequências da relação utilitária e exploratória do ambiente³ afetaram profundamente os ciclos da vida e, a curto e médio prazo, se tornaram difíceis de reverter: o aquecimento do planeta, a extinção de diversas espécies, a perda de ecossistemas inteiros, pandemias e contaminações. A situação atual exige uma modificação substantiva em nossa relação com o ambiente, que só será alcançada se conseguirmos reconhecer a interdependência entre humanos e a natureza⁴ e romper com a mentalidade reducionista que fragmenta a natureza e ignora sua complexidade como uma totalidade viva e interdependente.

As crises são sempre oportunidade de questionar as escolhas e a atual nos convida a rever nosso lugar no mundo e redefinir nossas relações com os demais seres, adotando uma perspectiva integradora, cuja tarefa será considerar os aspectos políticos, sociais e culturais ligados aos problemas ambientais. As crises exigem recuo e as saídas dependem das mudanças de paradigma. Recuperar os saberes locais e a experiência das comunidades periféricas e marginalizadas, e com elas, aprender a valorizar formas de

¹ Sempre em letras minúsculas, conforme desejo expresso pela autora: *“Uma das muitas razões pelas quais escolhi escrever usando o pseudônimo bell hooks, um nome de família (mãe de Sara Oldham, avó de Rosa Bell Oldham e minha bisavó), foi para construir uma identidade-escritora que desafiasse e dominasse todos os impulsos que me levavam para longe da fala e em direção ao silêncio”* (HOOKS 2019:38).

² hooks usa terra no sentido de solo, de base material, concreta. Ela não utiliza no sentido de nome próprio do planeta. Embora entenda a terra como um sistema sagrado e interdependente, hooks critica o conceito *“Terra Mãe: “Ninguém comparava a terra a uma mãe”*. Referindo-se aos seus antepassados, completa: *“... eles não dividiam o mundo em categorias de gênero, que é uma estratégia tanto no movimento feminista reformista quanto no ativismo ambiental”* (2002:84).

³ bell hooks utiliza bastante o termo “ambiente”, mas em sentido *lato*, referindo-se à vida acadêmica, à família, à geografia, às questões sociais e de raça. Quando ela quer se referir às questões ligadas às discussões ambientais, ela utiliza “ambiente natural”. Ele é caracterizado como *“... espaço afastado das construções humanas, da cultura dominante”* (2022:40).

⁴ É difícil uniformizar os termos técnicos ligados ao escopo desta discussão, uma vez que a revisão da terminologia faz parte do esforço crítico e cada autor opta pelo conceito que julga mais adequado à sua perspectiva e, com frequência, se posiciona negativamente em relação aos demais. Por este motivo, optamos por manter os mesmos conceitos utilizados por hooks em seus textos, na forma como foram traduzidos em português, sem tentar forçar uma uniformidade que não é requisitada pela própria autora.

coexistência, são escolhas decisivas neste cenário. Como observa bell hooks, “... [precisamos] restaurar o equilíbrio do planeta ao mudar nossa relação com a natureza e seus recursos” (2022:24).

bell hooks não é uma ambientalista *strito sensu*. A ensaísta não usa a terminologia típica do debate ambiental, especialmente daqueles ligados à produção acadêmica e a outras instituições formais. Encorajando o debate, hooks declara:

Devemos, tanto como indivíduos quanto como grupo, ter coragem de analisar de maneira crítica nossa relação com a terra, com a natureza, com os ecossistemas e com o meio ambiente da nossa região e do mundo (HOOKS 2022:89).

Embora manifeste literalmente a preocupação com os assuntos ecológicos, como ilustra a passagem que citamos, sua obra não se enquadra no campo da ecologia ou do ambientalismo tradicional, nem prioriza os problemas convencionalmente classificados como pertencentes a este campo.

Os temas que aborda extrapolam a delimitação de campos tradicional e demonstram que a luta contra o racismo está intrinsecamente ligada à ecologia: o vínculo com a terra, pertencimento, comunidades, deslocamentos, racismo, cuidado e memória. Seu enfoque é o de uma ativista ecológica cujo esforço crítico se empenha em desvelar os mecanismos de dominação, as políticas opressoras e discriminatórias, subjacentes às questões ambientais. É neste cruzamento que a obra se situa, elegendo as conexões entre auto reparação negra e ecologia como objeto de análise no conjunto de ensaios.

Além disso, o ativismo de hooks encaminha para uma prática que dá continuidade e concretude ao esforço crítico:

... devemos fazer com que nosso pesar nos impulsione para ativismo ecológico de libertação. Para mim isso assume diversas formas — no momento comprar uma terra que não servirá para empreendimentos imobiliários, renovar meu compromisso com uma vida simples, cultivar plantas (HOOKS 2022:88).

Justificada a partir de sua perspectiva pessoal “... em decorrência de circunstâncias de nascimento e origem, eu me vi obrigada a enfrentar interseções de geografia, raça, classe e gênero” (HOOKS 2022:204), bell hooks destaca que a ausência de vínculo com a terra, com os outros seres e conosco mesmos está na origem de uma crise que não é apenas ecológica, mas também ética, afetiva e política, situando-se assim em uma perspectiva interseccional. Os elementos autobiográficos e as experiências que marcaram sua infância no Kentucky são entrelaçados a reflexões sobre a relação dos antepassados com o cultivo da terra. Essas reflexões, por sua vez, são articuladas às questões ambientais e aos conflitos sociais,

denunciando as estruturas de poder da cultura dominante que sustentam as opressões relacionadas ao gênero, à raça e às desigualdades de classe. As análises de hooks mostram como a exploração da terra, a exploração dos corpos e a desumanização das pessoas estão intrinsecamente ligadas e seguem a mesma lógica que regula as relações de poder e a acumulação capitalista. O capitalismo, o racismo e o patriarcado expulsaram os afro-estadunidenses do campo e, com isso, promoveram a ruptura dos vínculos com a terra, impondo modos de vida baseados na propriedade, no controle e na acumulação⁵.

Restabelecer a conexão com a terra e com os antepassados alimenta as lutas contra as diversas formas de opressão —o racismo, o patriarcado e outras injustiças sociais. bell hooks defende a necessidade de um princípio ético que promova a emancipação dos grupos oprimidos através do retorno à vida simples em contato com a terra. Nestes ensaios, ela localiza e critica os mecanismos à exploração pelo aparato “*capitalista imperialista supremacista branco*”, expressão que condensa as modalidades da dominação (econômica e social, colonial, racista e sexista). Tais reflexões nos impelem a redefinir radicalmente nossa relação com a terra, compreendida como princípio da vida —no sentido de causa e origem— e como princípio ético, —no sentido de valor fundamental que orienta e guia nossas ações. Trata-se de uma ética enraizada na terra, estruturada em torno dos conceitos de pertencimento e cuidado. Empatia, respeito, comprometimento são os valores éticos pertencentes ao campo conceitual do cuidado, que substituirão a visão utilitarista e exploratória da natureza e das pessoas, histórica, social e culturalmente predominantes. Conteúdos que serão examinados seções seguintes deste artigo⁶.

⁵ Em seu artigo sobre os direitos da natureza, Sólon (2019:170) esclarece que o conceito de propriedade implica em pressupor que objeto prescinde de direitos. Ele destaca que, hoje, a relação jurídica dominante entre humanos e natureza é a de propriedade. As leis são estabelecidas para garantir os direitos de propriedade sobre a terra e seus recursos. A contradição, portanto, é entre direitos da natureza e a propriedade em contrapartida, os direitos da natureza só podem florescer se existir uma consciência que não esteja governada pela lógica do capital e da propriedade (SÓLON 2019:171).

⁶ A abordagem que propomos é, em certa medida, devedora do texto inaugural de Aldo Leopold (2019). Ecologista e conservacionista, seu projeto era expandir a ética tradicional —até então restrita às relações entre humanos— para incluir a terra, os animais, as plantas, as águas e os solos, que denominou como “Ética da terra”. Suas formulações respondem criticamente ao antropocentrismo dominante, denunciando a forma como os homens se definem como superiores aos demais elementos que compõem a terra. A ética da terra retira a centralidade dos homens como objeto da reflexão ética e os coloca em um mesmo patamar ético com florestas, rios, animais e plantas. Para Leopold, os humanos devem se reconhecer como membros de uma “comunidade biótica”, análoga ao organismo. Sua perspectiva insiste na necessidade de estabelecermos uma conexão moral e afetiva com a terra, prescrevendo o cuidado e a responsabilidade com ela, no intuito de preservar os ecossistemas e a biodiversidade.

“O Kentucky é meu destino”:

Pertencimento e cuidado com a terra

A reflexão sobre o retorno às origens é a temática central da obra *O pertencimento: uma cultura do lugar*, publicada originalmente em 2009 e no Brasil, mais de uma década depois, em 2022. O livro de caráter memorialístico, delicado e ao mesmo tempo militante, é uma crítica veemente ao “*capitalismo imperialista supremacista branco*”, explicitando os mecanismos de opressão que corroem os vínculos identitários, comunitários e culturais dos negros afro-estadunidenses. Voltar para o campo é uma decisão que vai além de um retorno nostálgico aos lugares do passado, aos familiares ou às cenas da infância. É um retorno crítico ao passado, a partir do qual se pode renovar o compromisso de reconfigurar o presente.

bell hooks nasceu no Kentucky, no sul dos Estados Unidos, mas passou a maior parte da vida em Nova York, cidade onde construiu sua trajetória universitária e intelectual, após sua formação acadêmica na Universidade de Stanford, na Califórnia⁷. A despeito do reconhecimento acadêmico, suas experiências nestes grandes centros urbanos foram marcadas por um sentimento de deslocamento, de não pertencimento, que, aos poucos, despertou nela o desejo de retornar às raízes no Kentucky, único lugar onde vivenciou a “cultura do pertencimento” e que, por isso, escolheu para terminar seus dias.

Apesar do racismo notório e extremo, o Kentucky, com sua geografia de um lugar cercado por montanhas, ambiente isolado e pouco habitado, criou um sentimento de proteção não apenas físico, mas também de refúgio cultural e espiritual, que prometia a distância real e simbólica da opressão branca, ainda hoje vivida pelos afro-estadunidenses. Ali as demarcações de classe, raça e gênero não importavam, como acontecia em geral nos ambientes rurais. Os marcadores eram apenas as categorias de “cidade” e “campo”. Na vida isolada nas colinas das pequenas comunidades, hooks enxergava a possibilidade de pertencer a um lugar: “... a natureza era um refúgio, um lugar para escapar do mundo das construções de raça e identidade” (HOOKS 2022:31).

Nem sempre os lugares onde nascemos ou moramos são aqueles em que usufruímos de uma cultura do pertencimento e nos sentimos em casa. Pertencer é um vínculo construído em contextos locais e concretos — lugares onde vivemos, aprendemos e nos relacionamos. Nestes lugares,

⁷ Depois de se formar na Universidade de Stanford em 1973, hooks fez mestrado em Letras na Universidade de Wisconsin-Madison e doutorado em Literatura na Universidade da Califórnia. Em sua carreira acadêmica, iniciada em 1976, atuou em diversas instituições antes da City College of New York e na New School, também em Nova York: Universidade do Sul da Califórnia, Yale e Berea College (BREDA 2019). Desta forma, hooks morou na Califórnia, Wisconsin, Connecticut, Ohio e Nova York (HOOKS 2022:37).

criamos uma rede de significados afetivos e construímos laços culturais e comunitários, que são experimentados ou atualizados pela memória. O subtítulo da obra *Por uma cultura do lugar* condensa a ideia de que o pertencimento vai além do espaço físico, referindo-se ao conjunto de práticas, valores, tradições e modos de vida, característicos de um determinado local ou comunidade, criando elos entre a identidade de um grupo social e o contexto geográfico que ocupam. Ali, cria-se um espaço de identidade que se abre às diversas dimensões da experiência —social, cultural e emocional—, fortalecendo as conexões com um grupo, onde os valores e práticas compartilhados fundamentam a aceitação, o acolhimento, a solidariedade, o cuidado e o reconhecimento mútuo. É um lugar que está associado a um *ethos*, à criação de significado, e enfim, à possibilidade de se identificar com um modo de vida: “... *uma vida que vale a pena ser vivida*” (HOOKS 2022:21). Se ela nos falta, é possível encontrar um lugar (no mundo) onde se pode “... *experimentar a sensação de retorno ao lar*” (HOOKS 2022:22).

A referência ao termo “lar” nos ajuda a entender as conexões entre o lugar e o pertencimento. O lar é o lugar onde nos sentimos verdadeiramente pertencentes: “*Por toda vida procurei um lugar de pertencimento. Um lugar para ser meu lar*” (HOOKS 2022:267). Caracterizado como espaço afetivo e simbólico, que pode ou não coincidir com o espaço físico de residência, é o lugar onde se usufrui de segurança, de relevância (“... *onde eu tinha importância*”) (HOOKS 2022:157), de proteção (“... *lugar seguro onde não haveria dor*”) (HOOKS 2022:157), de constância (apesar das mudanças e das crises). É o lugar que sempre fará falta (HOOKS 2022:258), porque ali as raízes foram fincadas (HOOKS 2022:22), e com elas vem a “... *a sensação de estar ligado a um local*” (HOOKS 2022:22). Nesta reconstrução da experiência em tom pessoal e, por vezes, idealizado e idílico, hooks sintetiza: “*O meu lar é o Kentucky dentro da minha mente e do meu coração, real e ao mesmo tempo mítico*” (HOOKS 2022:207). E o senso de pertencimento que hooks encontra no Kentucky não foi experimentado em outros lugares nos quais ela morou ou visitou.

É interessante notar como conceito de pertencimento é desdobrado e descrito de diversas formas: como sentimento, senso, experiência, e espírito, vinculado aos valores, ao lugar e à cultura. Esta diversidade de matizes demonstra como a experiência do pertencimento é ampla e integral, pois se expande pelas múltiplas dimensões que moldam a identidade individual e coletiva: emocionais, espirituais e culturais e, ao mesmo tempo, lhes confere unidade. Ele envolve a consciência de estar inserido em uma comunidade, partilhando práticas, memórias e valores comuns. Assim, revela a ligação profunda com o lugar e sua cultura. Ligado aos valores que balizam uma forma particular de estar no mundo, define um *ethos* coletivo. Tais valores constituem conjunto dinâmico de virtudes complementares e interdependentes, que se reforçam mutuamente para fortalecer a coesão

social e o senso de identidade e de coletividade. Por fim, o pertencimento se traduz em cultura, cujo repertório simbólico é tecido pela memória coletiva, pelas tradições, pelos rituais e pelas experiências compartilhadas.

Em comum a todos estes matizes está a ideia de ligação e compartilhamento. Não por acaso, hooks escolhe a definição da cultura do pertencimento particularmente abrangente da escritora e educadora norte-americana Carol Lee Flinders⁸:

... é inerente à cultura do pertencimento um forte sentimento e uma íntima conexão com a terra à qual se pertence, uma relação empática com os animais, autocontrole, responsabilidade ambiental, deliberação consciente, equilíbrio, expressividade, generosidade, igualitarismo, mutualidade, afinidade com modos alternativos de conhecimento, ludicidade, inclusão, resolução não violenta de conflitos e mente aberta (FLINDERS apud HOOKS 2022:269).

Ao trazer a definição apresentada por Flinders, hooks reforça a necessidade de reforçar valores e atitudes que ligam os aspectos comunitários aos ambientais. Essa perspectiva amplia a compreensão do pertencimento como uma experiência que envolve tanto a dimensão simbólica e o reconhecimento afetivo quanto a responsabilidade ética, política e ambiental e se estende a um conjunto de práticas, valores e tradições que sustentam o vínculo com a comunidade, com os antepassados e com a terra.

No caso dos afrodescendentes do Sul dos EUA, a experiência do pertencimento construída nas comunidades rurais foi interrompida quando migraram em massa para as regiões urbanas e industriais do Norte, no início do século XIX. Este movimento migratório foi motivado por uma combinação de fatores, especialmente a pobreza, a segregação racial institucionalizada no Sul, e, por fim, a expectativa de alcançar melhores condições de vida — expectativa que não se concretizou—, tanto no aspecto material —com a melhoria da qualidade de vida—, quanto no âmbito da inserção social e de uma menor susceptibilidade às agressões racistas. Ao contrário, a diáspora

⁸ Carol Lee Flinders escreveu sobre temas ligados à vida comunitária, ética do cuidado e espiritualidade feminina, explorando o pertencimento, a alimentação e a relação ética com a natureza. Outros autores frequentemente citados por Hooks são Wendell Berry, também nascido no Kentucky em 1934, ensaísta, crítico cultural, ativista ambiental e agricultor norte-americano. Suas reflexões sobre a vida rural, agricultura sustentável, comunidade e crítica à industrialização da agricultura, defendem a conexão ética e prática com a terra e a importância das comunidades locais. George Washington Carver, cientista, inventor e educador afro-americano, foi símbolo de responsabilidade ambiental e inovação social. Por fim, Lerone Bennett Jr., foi um jornalista e historiador norte-americano, nascido em 1928 no Mississippi. Autor de livros dedicados à história afro-americana, nos quais defende a valorização da experiência e luta dos afro-estadunidenses por justiça e pertencimento.

fragmentou as comunidades de origem e submeteu os negros a novas formas de opressão e violência racista.

Neste deslocamento, os afro-estadunidenses perderam seu vínculo com a terra e a vida rural passou a ser desvalorizada e considerada indigna. Era a vida no contexto urbano que cumpriria a promessa de sucesso material do “sonho americano”. Com isso, aquela cultura vinculada à terra e às práticas de subsistência cederam lugar à medida que as pessoas manifestavam “... o desejo de se integrar à sociedade hegemônica e se tornar parte da cultura dominante” (HOOKS 2022:255)

Esta mudança de perspectiva afetou os negros simbólica e subjetivamente, levando a um apagamento das tradições dos antepassados no campo, uma destruição do senso de identidade e do sentimento de pertencimento. A autoestima e o senso de comunidade foram substituídos pelo individualismo liberal da cultura dominante, à medida que os negros foram se tornando cada vez mais conectados aos padrões e demandas da vida urbana. O resultado foi a invisibilidade do homem rural negro, cujas práticas e tradições foram apagadas pela “cultura capitalista imperialista supremacista branca”.

Enfim, a cultura do pertencimento perdeu espaço e os efeitos positivos da vida no campo para a subjetividade e coletividade, nas comunidades negras segregadas, começaram a sucumbir e perder importância:

... com certeza, deve ter sido um golpe muito forte na psiquê coletiva dos negros ver a si mesmos lutando para sobreviver no Norte industrializado, longe da terra. O capitalismo industrial não apenas mudou a natureza do trabalho negro, mas alterou as práticas comunitárias que eram tão centrais para a sobrevivência no sul rural (HOOKS 2022:71).

Para os afrodescendentes recém-libertos que permaneceram na zona rural, o trabalho no campo fincou a cultura do pertencimento no vínculo com a terra. No entanto, a permanência no campo nem sempre assegurava a possibilidade de trabalhar na própria terra. Se remetermos ao contexto desta discussão, encontraremos uma sociedade que foi, e continua, estruturada a partir da divisão das pessoas em proprietários e trabalhadores. Neste caso, o manejo da terra recai sobre os “despossuídos”, explorados enquanto força de trabalho e privados do controle efetivo da terra.

Para os negros, no entanto, o vínculo com a terra jamais é meramente econômico. Acreditava-se que ter a própria terra garantiria, além da subsistência, a possibilidade de autodeterminação —isto é, a capacidade de definir a si mesmo, enquanto indivíduo e como parte de uma coletividade. Por esse motivo, muitos afro-estadunidenses alimentavam o sonho de cultivar a própria terra e de criar comunidades autossuficientes para comprar terras coletivamente, mas se deparavam com estratégias para impedi-los

de adquirir um terreno para cultivar, dificultando o acesso à autonomia econômica e à propriedade da terra. hooks detalha que nos EUA, os brancos não vendiam a terra para os negros, mesmo para aqueles que tinham condições de pagar (HOOKS 2022:90) e acrescenta que, após o término da escravidão, foi estabelecido um “imposto racial”: um negro poderia comprar terras, mas teria que pagar mais caro por elas (HOOKS 2022:91).

Ainda que tenham continuado sob intensa opressão e segregação, enfrentando a exaustão, pobreza extrema e dívidas acumuladas, os sistemas de arrendamento e *meeirado*, mantiveram a cultura do pertencimento, porque permitiam aos afro-estadunidenses o contato diário com a terra e com outros membros da comunidade. Esse contato alimentava a resistência simbólica e cultural, oferecia resiliência e esperança de sobrevivência frente à opressão do branco: “... *era a terra que protegia os explorados negros de sua desumanização*” (HOOKS 2022:105).

Aqui delinea-se um cenário muito particular, onde convivem as condições materiais adversas e a perpetuação da exploração e a resistência simbólica e cultural. Por isso, o pertencimento introduz uma ambivalência: parte de uma realidade marcada pelas condições de exploração e penúria material, e, ao mesmo tempo, contrapõe a possibilidade de autonomia e liberdade. Esta tensão transparece na dissociação que hooks localiza entre o corpo e a mente, que se apresenta como espécie de estratégia de defesa. Desvinculando-se da realidade opressora, que abate o corpo, as energias são direcionadas para as referências simbólicas e culturais, que por isso se oferecem como resistência. Esta tensão evidencia assim, uma atitude de insurgência face a opressão branca e nunca de resignação. A persistência do desejo dos negros do sul em possuir um pedaço de terra demonstra que, para além da luta pela sobrevivência, esse anseio constitui um gesto radical de persistência dos vínculos simbólicos que alimentam a resistência e desta forma indicam um caminho para a reconstrução de laços comunitários e elaboração de um caminho de cura.

A “... *migração de regresso da cidade para o campo [foi] uma forma de renovação*” (HOOKS 2022:261), afirma hooks, descrevendo o fluxo inverso que ocorreu mais de cem anos depois da primeira leva rumo ao Norte. Distanciando-se dos contextos de violência física e simbólica, marcados pelo racismo e pelo colonialismo, hooks caracteriza a volta aos lugares onde viveram os familiares como um ato político de resistência e emancipação, que oferecia aos oprimidos pela violência e aos subalternizados, desta vez, pela vida urbana, a possibilidade de reatar os laços entre indivíduo e comunidade, presente e passado e assim retomar as tradições dos antepassados. Relembrar as lutas que os ascendentes protagonizaram resgatou o sentimento de pertencimento, contraposto à experiência de não pertencimento, exclusão e estranhamento experimentada na vida urbana.

O retorno foi também uma resposta a uma espécie de deslocamento cultural, imposta pela assimilação de hábitos hegemônicos e pela “... *introjeção das premissas da supremacia branca*” (HOOKS 2022:72). Serviu como um mecanismo de autorreconhecimento e de fortalecimento coletivo da população afro-estadunidense, catalisando o processo de “*autorregeneração coletiva do negro*”, de cura coletiva e reencontro com as tradições negras. Mesmo que os antepassados já não estivessem presentes, a escrita e as particularidades da fala permitiam atualizar a sabedoria herdada dos ancestrais e integrá-la à vida presente “...*a cura coletiva para pessoas negras na diáspora só poderá ocorrer se nos lembrarmos de como pôr em prática nosso passado na zona rural*” (HOOKS 2022:85), enfatiza hooks.

A vida dos antepassados no campo delimita outra forma de pensar e existir. Ela parte do princípio de que a terra é de todos. É um bem coletivo. A partir desta compreensão edifica-se uma sabedoria e um modo de vida —um *ethos* que oferece uma via de libertação dos efeitos adoecedores do racismo, do colonialismo e capitalismo (HOOKS 2022:35). Tirar o próprio sustento da terra revalida o modo de vida dos ancestrais que ali viveram, cujos valores reconhecem na terra a fonte de sustento, mas principalmente, de reconstrução da identidade e de possibilidade de cura. Neste sentido, é um *ethos* sustentável que envolve o cuidado com natureza, mas que se lança muito além, se comprometendo com a criação de significados “... *de uma vida que valha a pena ser vivida*” (HOOKS 2022:21). Referindo-se à famosa carta atribuída ao Chefe de Seattle, hooks afirma:

... tendo em comum a adoração pela terra, essas pessoas de pele negra e vermelha lembravam umas às outras que, apesar dos métodos do homem branco, a terra pertencia a todos (HOOKS 2022:68).

Tocar a terra

Dois ensaios trazem a terra em seus títulos e nos permitem compreender a importância deste conceito na reflexão de bell hooks, ampliando a discussão com a inclusão de tópicos ecológicos, antropológicos e metafísicos: “*Tocar a terra*” e “*O vínculo com a terra em solo firme*”. “*Tocar a terra*”, título do terceiro capítulo, recorre a um verbo que evoca tanto uma conexão íntima —o ato de entrar em contato direto—, quanto as práticas agrícolas de cultivo de grãos e manejo do solo, atividades que fundamentalmente dependem desse “toque”. A expressão sugere não apenas o contato físico, mas igualmente uma postura de cuidado e sintonia com a natureza.

O título sugere ainda uma delicadeza na lida com a terra e prenuncia uma relação diferente: respeitosa, amigável e de parceria, em oposição à exploração predatória ou subserviente às imposições humanas. Situada na

contramão do extrativismo, cujo objetivo é retirar o máximo em menor tempo (como nas formas convencionais de cultivo de *comodities* realizadas em larga escala), a “a lida que toca a terra” retira apenas aquilo que é necessário para o sustento de uma família ou comunidade. Ela é sempre pautada pelo cuidado, pelo respeito e pela compreensão de reciprocidade que é preciso estabelecer com a natureza. Para os antepassados negros da autora é evidente que, se a terra nos dá vida, devemos retribuir com ações que preservem e regenerem a vida que ela abriga. Assim um primeiro ponto importante a ser destacado é que a relação com a terra segue também o princípio ético da reciprocidade, que rege tanto as relações humanas, quanto as relações com a natureza. Seguindo nesta direção, hooks completa: quando tratada com cuidado, a terra é generosa e retribui, fornecendo os alimentos e tudo o que for necessário para viver bem.

Além dos aspectos sociais e ambientais, uma diversidade de implicações é trazida nestes dois capítulos. Cuidar da terra é um processo que se expande e repercute em múltiplas direções e desdobra-se nas dimensões políticas, antropológicas, metafísicas e espirituais. Cuidar da terra não é apenas um ato para garantir a subsistência, mas um compromisso com a liberdade, gesto que renova a esperança em um futuro mais justo. Para além da preocupação com a sobrevivência material, é um gesto que demonstra gratidão pelo sustento que ela nos oferece e respeito pelo sistema vivo do qual fazemos parte. Cuidar da terra é também uma forma de união e diálogo com os antepassados, que nos leva a resgatar o senso de identidade. Do ponto de vista da autoestima, o cuidado com a terra é uma forma de regeneração da alma e até de cultivo da espiritualidade, capaz de curar as feridas do racismo e reinscrever o sujeito numa rede que o conecta ao sagrado: “... ao cultivarem o alimento para sobreviver e flores para satisfazer a alma, conectavam-se com a terra, que é eterna dá sentido à vida” (HOOKS 2022:69). Por fim, na perspectiva antropológica, o cuidado com a terra e a consequente integração com a natureza nos permitem reconhecer nossa verdadeira condição: estamos equiparados e unidos a outras formas de vida, todas definidas e marcadas pela mesma contingência e finitude.

A terra “... nos lembra que tudo passa” e que “... no fim, a natureza é quem manda” (HOOKS 2022:163). A vida é marcada pela impermanência. Reconhecer esta condição dá ao cuidado com a terra um sentido metafísico, pois vincula essa prática à consciência da finitude, contrabalançada pela presença da esperança. As distinções de raça, classe, gênero, não podem evitar que sejamos, todos, parte de um mesmo ciclo vital. Existem “... forças mais poderosas que a humana” (HOOKS 2022:258) e quando os homens se esquecem disso, assumem para si uma posição de superioridade e controle, próprias de uma arrogância antropocêntrica pressupostas nas estruturas colonialista e capitalista.

É nesse movimento, em que os homens superestimam seu poderio e valor, que ocorre a exploração e o equilíbrio natural se rompe, resultando no surgimento de inúmeros problemas: *“... enquanto o homem souber do seu lugar na natureza, tudo irá bem; mas quando ele se esquecer disso e se sentir deus, os problemas vão começar”* (HOOKS 2022:268). Ou ainda: *“A Terra, como a natureza, podia dar a vida, mas também podia ameaçá-la, daí a necessidade de respeitar o poder do seu habitat”* (HOOKS 2022:84).

Confrontando-nos constantemente com nossas limitações, fraquezas e imperfeições, o cultivo da terra coloca em perspectiva as ilusões de superioridade, sejam elas étnicas, raciais, de classe ou de gênero, e mesmo em relação às demais espécies.

Na minha infância aprendi a ficar atenta às cobras, felinos e plantas com substâncias tóxicas ou venenosas. Eu sei por instinto; eu sei por que os adultos me diziam que é a humanidade, não a natureza, o invasor nessas terras. A humildade permitiu a sobrevivência na relação com o poder da natureza (HOOKS 2022:159).

Cuidar da terra conduz à percepção da impermanência —condição que define a vida que coloca os seres humanos em igualdade com os demais seres (HOOKS 2022:254). Ao nos situar no ciclo da vida, a lida diária com a terra nos ensina a humildade. *Húmus*, em latim é terra, raiz comum às palavras humano (*humanus*) e humildade (*humilitas*). Esta etimologia é importante, uma vez que coloca em evidência a materialidade da condição humana. *“Nosso primeiro lar é a terra, e é a ela que retornamos para o descanso eterno, nossa morada final”* (HOOKS 2022:250). A postura humilde é, portanto, decisiva para sustentar uma relação bem dimensionada com a terra, com o corpo e com a comunidade —vínculos que exigem presença, reciprocidade e intencionalidade. Sem este reconhecimento, viver em comunhão com a terra corre o risco de se reduzir a um discurso vazio e distante da prática de restauração e libertação que deveria representar.

Quando reconhecemos que a terra é viva e que somos parte dessa vida, somos convidados a viver interconectados, nos encaminhamos para uma compreensão integrada dos problemas ambientais e sociais. Em contrapartida, quando nos situamos no centro das preocupações e decisões à propósito das questões ligadas ao ambiente, negligenciamos a complexidade das relações ecológicas e seus reflexos na vida política e social. Ter consciência da diversidade dos seres, considerar que existe uma interdependência entre todos os viventes, entre sociedade e natureza, entre o físico e o metafísico, são condições para uma convivência harmoniosa, pautada pelo cuidado e respeito. Como observa Leonardo Boff,

... para avançar é necessário superar essa concepção do não humano como uma “coleção de objetos” e pensar em termos de uma

“comunhão de sujeitos, vivos, não vivos, humanos e não humanos”
(BOFF apud SÓLON 2019:153).

A gratidão é decisiva nesta reconstrução de categorias e redirecionamento de condutas, uma vez que desloca a terra da condição de objeto, propriedade ou recurso, para o lugar de agente, promovendo uma ressignificação de natureza ontológica que repercute no campo socioambiental. Reivindicar a vida no campo, afirmar a restauração humanizadora dessa vida, entender que os direitos intrínsecos à existência e preservação da vida precisam ser respeitados, é uma maneira de resistir ao racismo, ao patriarcado, à exploração capitalista e ao colonialismo⁹. Uma atitude que atravessa a ética e política e a ecologia, e que ainda redimensiona as balizas antropológicas - e por que não, metafísicas.

Trabalhamos bem quando nos tornamos criaturas parceiras das plantas, dos animais, da matéria e de outras pessoas com as quais dividimos tarefas. Esse trabalho unifica e cura. Tira-nos do orgulho e do desespero e nos leva de volta ao nosso lugar, nos dá responsabilidade dentro da condição humana. Somos definidos pelo que somos: não tão bons para trabalhar sem nosso corpo, mas bons demais para trabalhar mal, sem alegria, de maneira egoísta ou sozinhos (BERRY apud HOOKS 2022:70).

Considerações finais:

Encontrar uma terra para pertencer e não para possuir

A trajetória pessoal de hooks foi marcada por experiências de exclusão, pelas lutas contra as estruturas opressivas e esforços de resistência. Seu retorno ao Kentucky e à vida rural, que ela descreve como *“... um chamado de me unir à natureza”* (HOOKS 2022:30), desencadeia inúmeras e importantes reflexões sobre a cultura do pertencimento. A experiência da infância em uma comunidade rural negra, onde usufruía do contato cotidiano com a terra e com a natureza, foi decisiva em sua compreensão do pertencimento, da força curativa da ancestralidade e a da resistência ao racismo, temas que fundamentam o esforço de reconexão com a terra e a valorização do trabalho coletivo e comunitário. E aqui cito mais uma vez:

⁹ hooks utiliza a expressão “Direitos orgânicos da terra” (2022:60). A expressão aproximada “Direitos Orgânicos da Natureza” não é consolidada na literatura, mas pode ser interpretada como sinônimo de “Direitos da Natureza”, e a propósito do segundo conceito: *“... os seres possuem direitos não porque tenham consciência ou status moral, mas simplesmente porque existem (...) cada componente do universo é um sujeito de direitos”* (BERRY apud SÓLON 2019:160).

... agradeço por essa poderosa experiência do poder curativo da natureza não se limitar às reflexões nostálgicas e sentimentais sobre o passado; no meu presente vivencio outra vez esse poder curativo (HOOKS 2022:250).

A leitura da obra nos apresenta uma espécie de constelação em que o pertencimento é veículo para as afirmações de identidade, um chamado para a luta coletiva, promessa de restauração, de reconexão com a ancestralidade e com a natureza. Muito além de um sentimento individual, o pertencimento é uma prática coletiva de cuidado e responsabilidade com o mundo em se vive —e que, mais do que nunca, precisa se afirmar como cultura.

O testemunho da experiência concreta, acompanhado pelas reflexões que hooks apresenta a propósito da vida no campo dos afro-estadunidenses, definem de forma não prescritiva e assistemática uma ética alicerçada no pertencimento e no cuidado com a terra, cuja potência faz convergir as demandas por justiça social e ambiental, reconhece e enfrenta as desigualdades raciais, de gênero e de classe, vinculadas ao capitalismo, ao mesmo tempo em que promove a preservação da natureza e a exaltação da riqueza dos saberes locais e dos modos de vida enraizados na terra. No centro desta ética está a reciprocidade, ato de retribuir o que se recebe, que fundamenta uma visão integradora e relacional, valoriza o respeito mútuo e a interdependência entre seres e se traduz na prática do cuidado, no sentimento de gratidão e respeito pela vida em todas as suas instâncias.

A reciprocidade estabelece uma relação horizontal, oposta às hierarquias, às estruturas de poder opressivas próprias ao racismo, ao colonialismo e ao capitalismo, seja em relação à raça, à etnia, à classe social, ou ao gênero. Se contrapõe aos sistemas de exploração econômica, ao patriarcado, à mentalidade utilitarista. Esses alvos são sintetizados na expressão repetidamente utilizada “*capitalismo imperialista supremacista branco*”, sempre presente no texto. Sob esta lógica, que se consolida como a racionalidade dominante, presenciamos várias formas de destruição: a degradação da natureza, o adoecimento dos indivíduos, a uniformização dos modos de viver e saber e a exclusão sistemática das comunidades locais e tradicionais.

hooks quer minar a hegemonia da crença de que só o “... mundo da cidade, da produtividade, da propriedade, do consumo e das coisas” importa (HOOKS 2022:144). No ensaio no qual descreve seu retorno ao Kentucky, ela afirma a necessidade de recuperar uma “*subcultura negra contra hegemônica*” daqueles que foram arrancados da terra, assegurando, ao menos em parte, uma distância em relação às pressões da cultura dominante. O “*mundo da anarquia provocadora*” deve ser contraposto ao mundo do poder capitalista branco, para defender a liberdade de todos, o pensamento autônomo e o não conformismo, estimulados pela vida no campo (HOOKS 2022:36). A mudança em direção a uma mentalidade “anárquica” e

“contra hegemônica” é viabilizada pela valorização e validação dos saberes ancestrais e das práticas tradicionais, na maioria das vezes transmitidos oralmente entre as gerações, que expressam seu pacto vital com o coletivo, com a vida e com a terra (HOOKS 2022:112).

A vida simples é o que importa, pois precisamos apenas atender nossas necessidades básicas, segundo os princípios da “*sustentabilidade ambiental orgânica*”, cultivando a própria comida, criando animais, fazendo o próprio vinho sem desperdiçar nada. Enfim, obtendo a sobrevivência da terra e resistindo ao consumo (HOOKS 2022:253).

Reconhecendo a natureza como um “santuário”, as práticas tradicionais partem do princípio segundo o qual a natureza é um sistema vivo e ativo, dotado da capacidade de prover e regenerar a vida. Esta compreensão sobrevive no homem do campo como um legado ancestral. Através da memória é possível honrar as experiências daqueles que souberam viver em uma relação respeitosa e cúmplice com a terra. Por isso, a luta pela posse da terra —que transcende categorias como raça e etnia— e o cuidado dedicado a ela, tornam-se recursos de reconstrução identitária que fortalecem os vínculos com os antepassados.

Por meio do cultivo, o negro oprimido pelo racismo recupera o senso de identidade, adquire resiliência e se reconecta com a ancestralidade. hooks nos lembra que a terra não é um cenário inerte, mas um espaço de regeneração e resistência. Ao contrário é um agente que constrói relações e cria vínculos de interdependência. Por seu intermédio, por meio do cultivo ou simplesmente pela vida no campo, é possível reconectar com os ancestrais, valorizar as relações comunitárias, fortalecer as identidades culturais e reforçar a responsabilidade coletiva pela preservação da natureza, garantindo a continuidade da vida em suas diversas formas.

Viver em harmonia com a terra renova o espírito. Sem a religação com a terra não existe uma mudança nos modos de vida, porque não existe uma mudança efetiva na vida interior. Só assim, conquistando uma integridade que vem de dentro, é possível enfrentar a discriminação, opressão e exploração, mazelas que levam a objetificação da natureza e dos homens.

Para bell hooks, pertencer à terra é deixar-se possuir por ela. É um ato de entrega. Significa admitir que nossa existência está intrinsecamente ligada aos ciclos naturais. Somos parte da natureza e por isso devemos acatar e respeitar a dinâmica da vida, da qual fazemos parte. Este reconhecimento é uma responsabilidade ética e também um imperativo existencial, pois nos lembra a todo momento o lugar ao qual pertencemos.

É na terra que encontraremos as raízes para desfrutar da convivência coletiva que nos permitirá imaginar e construir um futuro justo e solidário: “*A natureza era o lugar da vitória. No ambiente natural, tudo tinha seu lugar, inclusive os humanos*” (HOOKS 2022:31).

Referências

BREDA, Tadeu (2019). “Quem é bell hooks?” *Blog da Elefante*, 05/02.

Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/quem-e-bell-hooks/>

Acesso em: 28/03/2025.

GUDYNAS, E. (2019). *Direitos da natureza. Ética biocêntrica e políticas ambientais*. São Paulo: Editora Elefante.

HOOKS, bell (2019). *Erguer a voz. Pensar como feminista, pensar como negra*. Editora Elefante.

____ (2022). *Pertencimento: uma cultura do lugar*. São Paulo: Editora Elefante.

LEOPOLD, Aldo (2019). *Almanaque de um condado arenoso e alguns ensaios sobre outros lugares*. Belo Horizonte.

SHIVA, Vandana (2024). *Terra viva. Minha vida em uma biodiversidade de movimentos*. São Paulo: Boitempo.

SOLÓN, Pablo (2019). *Alternativas sistêmicas*. São Paulo: Editora Elefante.

Sobre a autora

Luciana Maria Azevedo de Almeida é Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou pesquisa de doutorado acerca dos Ensaios de Montaigne, enfatizando a influência de Plutarco sobre o ceticismo montaigniano. Mestre em Filosofia pela mesma universidade, elaborou dissertação a propósito do embate entre Retórica e Filosofia em Platão. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalhou como docente em diversas instituições de ensino superior, incluindo a UFMG, com ênfase em Epistemologia e História das Ciências, em Filosofia da Educação, Ética e introdução à Filosofia. Participou como voluntária do grupo de estudos em Pedagogia Sócio-espacial (Escola de Arquitetura UFMG) e pontualmente do Grupo de Estudos “Cogitamus” (FAE – UFMG).